

**antônio
aragão**

**OBRA
(Re)
ENCON
TRADA**

NOTA DE ABERTURA

De longe vem a admiração por António Aragão (São Vicente, Ilha da Madeira, 21 de Setembro de 1921 – Funchal, 11 de Agosto de 2008) e pela obra que deixou.

«Figura matricial», assim testemunhada por Ana Hatherly, da Poesia Experimental Portuguesa, que podemos afirmar como uma (neo)vanguarda entre os anos sessenta e oitenta do século passado, o seu nome surge-nos, quase exclusivamente, a ela associada, e menos de forma autónoma, pela sua vasta e diversa obra individual.

Uma explicação para que assim seja deve-se, em parte, ao resultado da construção de uma nova prática estética, inerentemente política, que o envolveu: as teorizações e cronologias que desde cedo houve necessidade de construir pelos próprios poetas, a fraca recepção crítica ou mesmo a sua ausência e, relativamente a esta, a pouca resposta que lhe foi dada.

Mas também porque as práticas criativas de António Aragão e seus resultados envolveram sempre um movimento (com minúscula) de circulação, de diálogo(s) contínuo(s), e de constante co-laboração na pesquisa, descoberta e concretização, a par da recusa de uma ideia de artista-figura, acompanhado de uma intencionalidade sempre mais subversiva do que interventiva, mais satírica, humorística e corrosiva do que formal.

Este livro surge por isso com um duplo propósito. Por um lado, assinalar o centenário do nascimento deste poeta e, com a fidelidade possível — na composição e no conteúdo —, apresentar uma selecção abrangente onde se procurou fazer sobressair a vertente poética da sua obra. Por outro, tornar patente o seu papel de dinamizador (em sentido literal e metafórico), de investigador permanente e criador em várias artes, cuja produção e capacidade mobilizadora fez coincidir diferentes artistas e poetas, ajudando a inaugurar um novo momento no panorama literário (e não só) português, na década de sessenta, prolongado de forma autónoma até hoje.

Esse momento colectivo inicia-se nos *Cadernos de Poesia Experimental*, em 1964 e 1966 (com Herberto Helder no primeiro número, ambos bebedores do que Aragão trazia da sua passagem por Itália — Umberto Eco e Nanni Balestrini, à cabeça — e, no segundo, já com a colaboração de E. M. de Melo e Castro), onde as várias participações internacionais assinalam uma manifestação ou, para usar uma expressão do próprio Aragão, uma *dimensão de possibilidade*, para a qual só recuando à edição do *Portugal Futurista* podemos encontrar um paralelo com igual impacto e sinal de ruptura.

A estes autores se juntam também outros poetas e músicos na exposição *Visopoemas*, no *happening Concerto e Audição Pictórica*, e no suplemento *Poesia Experimental* no Jornal do Fundão.

Seguiram-se *Operação 1 e 2*, nas Galerias Quadrante (Lisboa) e Alvarez (Porto). O seu envolvimento no período mais combativo de afirmação e de definição estética culminaria nos dois números da revista *Hidra*. Estava-se em 1969 e tinham bastado pouco mais de seis anos para que a ideia de um Movimento ou Grupo se instituísse, ainda que nunca assim reclamado.

«A poesia sempre variou de expressão», escreve António Aragão em 1966, e foi nessa variedade que sempre encarou o visual na poesia, que não se limitou à poesia visual, prosseguindo uma exploração contínua através de diferentes materiais e novos *media*, em frequentes diálogos com outros poetas e artistas

Dois exemplos bastam para disso dar conta: a revista-assemblagem *Filigrana* e as suas ligações à *mail art*, em cooperação com António Dantas e António Nelos; e o livro a quatro mãos com Alberto Pimenta, *Os 3 Farros descida aos infernos*, livro em forma de troca epistolar, um compósito narrativo, poético e satírico acutilante dos primeiros anos pós-PREC e pré-CEE, e que hoje, em tempo de vírus e *revírusionismos*, não deixa de oferecer leitura menos válida nem menor divertimento. É também por esta altura que faz a sua primeira incursão na escrita para teatro com a peça *Desastre nu* (1981).

Estes anos, que se prolongam até ao final da década de oitenta, são igualmente marcados por várias participações nacionais e, sobretudo, internacionais, quer em exposições artísticas, quer em encontros de poesia e escrita. Os anos noventa assumem um carácter mais retrospectivo mas também assinalam uma geração mais nova de artistas, que com novos recursos, maior acesso a novas tecnologias, renovaram este campo estético e prosseguiram a sua exploração: Fernando Aguiar, que a par da sua obra consolidou um arquivo que permite hoje manter viva e disponível as várias dimensões artísticas da poesia experimental; César Figueiredo, que através da *mail art* mantém um dos mais ricos e menos estudados diálogos internacionais; e ainda António Barros, António Dantas, Antero de Alda, António Nelos e Silvestre Pestana, entre vários outros.

Já na década de noventa, António Aragão cria em Lisboa a Ara-Vala Comum, um espaço que funcionou como associação de educação popular, galeria de arte alternativa e chancela editorial independente. Nesses anos reeditou, reescrevendo, o seu romance *Um buraco na boca*, publicado em 1971 nas Edições Comércio do Funchal, bem como o livro *Pátria. Deus. Couves. Etc*, largamente expandido a partir da edição que a & etc dera à estampa em 1982. Datam igualmente dessa época os três volumes intitolados *Electrografia* que, também com o selo da Vala Comum, fornecem a síntese dos trabalhos por si produzidos num uso inventivo da fotocópia.

Mesmo nas suas últimas composições e intervenções, a sua disponibilidade para o contacto e a descoberta, a sátira constante e o impulso subversivo, nunca deixaram de agir em provocação

e demarcação, esta conduzida até ao silêncio. Acometido por uma doença prolongada, António Aragão morre em 2008.

É com a convicção de que estes processos artísticos hoje reverberam e se agitam com uma nova energia em fricção com o tempo presente, que sentimos que faltava tornar presentes a um público mais alargado os escritos deste autor — sabendo que irão continuar a faltar ainda os de muitos outros. E é com a consciência dessa limitação que se recomenda, para cumprirmos plenamente a edição da obra que aqui se (re)encontra, que a sua leitura prossiga através da consulta do Arquivo Digital da PO.EX (www.po-ex.net), conjugando-se assim o livro com o digital, extensão e complementaridade que vai ao encontro do que Aragão nos legou.

Para concluir, resta-nos agradecer a Marcos Aragão Correia, único filho de António Aragão, pelo convite que apresentou à editora e que tornou possível este livro e a reedição futura de outras obras. E também a Rui Carita, Fernando Aguiar, César Figueiredo e Alberto Pimenta, pela possibilidade dada de incluir algumas das obras, os esclarecimentos de dúvidas e as memórias que relataram. Ao jornalista Manuel Halpern que nos fez chegar o artigo publicado no *Jornal de Letras, Artes e Ideias* de 16 de Abril de 1985. E, por último, às livrarias alfarrabistas, em particular à Letra Livre e à Leitura, ambas de Lisboa, que em vários momentos se revelaram mais eficazes do que as bibliotecas públicas na pesquisa que foi necessário levar a cabo e que por terem alguns dos livros à espera de comprador, com companheirismo, permitiram a sua consulta e estudo.

Os organizadores:

Rui Miguel Ribeiro

Rui Torres

Bruno Ministro